



Para que serve o sociólogo e a sociologia?

Algumas notas para pensar o papel da sociologia nos diversos campos de conhecimento.

What is the sociologist and sociology?

Some notes to consider the role of sociology in the various fields of knowledge

Benedito José de Carvalho Filho – Doutor em sociologia pela Universidade federal do Ceará. Professor do departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas.
E-mail: beneditojfc@hotmail.com

Resumo

A sociologia é um saber que surge na modernidade. Muitas vezes a explicação sobre o seu desenvolvimento histórico é incompleto, mesmo quando se afirma que ela surgiu como uma “resposta intelectual” à crise pela qual a sociedade estava passando. Neste ensaio destacamos a importância de outros autores, principalmente os anarquistas, grupos filantropos e cristãos profundamente envolvidos nas lutas sociais. Realçamos, também, o papel que os sentimentos de inquietação e indignação em um momento em que esse saber adquiria visibilidade social, impulsionado pelas lutas sociais. Karl Marx ressalta muito essa dimensão nos seus escritos. Refletimos, também sobre o papel do sociólogo na sociedade contemporânea, a relação que mantém com outros saberes, como o direito, a administração e outros. Trata-se de um texto para ser usado na sala de aula e introdutório para discussão.

Palavras-chave:

Sociologia, conhecimento, sociedade contemporânea

Abstract

Sociology is a knowing that arises in modernity. Often the explanation of its historical development is incomplete, even when it claims that it arose as an "intellectual response" to the crisis in which society was passing. In this essay we highlight the importance of other authors, mainly anarchist groups, philanthropists and Christians deeply involved in social struggles. We emphasize also the role that feelings of concern and indignation at a time when this knowledge acquired social visibility, driven by social struggles. Karl Marx emphasizes this very dimension in his writings. Reflect also on the role of the sociologist in contemporary society, the relationship they have with other knowledge, such as law, management and other. This is a text to be used in the classroom and introductory discussion.

Keywords:

Sociology, knowledge, contemporary society

INTRODUÇÃO

A sociologia nasce da indignação

Quando a sociologia surgiu, no início da modernidade, muitos de seus teóricos, principalmente aqueles anteriores a Durkheim (1858-1917), não estavam preocupados em fazer dela uma ciência. Também, não estavam fechados nos muros da academia universitária. Essas pessoas, pelo menos no início, buscavam soluções para as novas questões sociais surgidas com o desenvolvimento do capitalismo. Eram chamados, muitas vezes, de *reformadores sociais*, os filantropos, idealistas indignados com a grande quantidade de homens e mulheres desnutridos, morando em cortiços, trabalhando em minas de carvão e fábricas, um cenário muito semelhante ao que vemos hoje nos países subdesenvolvidos e nos bolsões de miséria nos países desenvolvidos.

Muito desses pensadores eram ativistas sociais; anarquistas, idealistas, cristãos, socialistas, pessoas indignadas, sensíveis e angustiadas com as mazelas do capitalismo, com suas as imensas desigualdades sociais.

Se formos fazer uma associação com a sociedade brasileira poderíamos ter como referência o Herbert de Souza, o Betinho, como sua *Campanha Contra a Fome*, que arrebanhou tanta gente em nosso país na luta pela erradicação da fome.

Para esses reformadores sociais, a busca de soluções para os problemas sociais não era um exercício de erudição nem tampouco algo teórico que tinham que estudar na faculdade para passar de ano. O confronto com a realidade e a indignação social provocava uma indignação moral, fazendo com que buscassem uma explicação mais fundamentada para o que viam diante de si.

Na verdade, eram pessoas irreverentes que não tinham receio de mostrar as mazelas de uma modernidade excludente, inaugurada pelo nascente sistema capitalista. Por isso, eram taxados de “loucos”, “subversivos”, “agitadores”, “sonhadores”, “utópicos” por desejarem mais justiça e mais ética e pregando a necessidade de mudanças profundas na sociedade.

Vejam, por exemplo, o chamado Anarquismo, um movimento forte na Europa no início do capitalismo. O anarquismo rejeitava qualquer ordem vinda da autoridade. Eles eram contra o estado, fazendo uma defesa da “sociedade natural”, isto é, de uma sociedade auto-regulada de indivíduos e de grupos livremente formados. Enfatizavam a liberdade individual, a soberania e a

autonomia do indivíduo (*"onde há estado, somos contra"*, sintetiza o seu posicionamento em relação ao poder). Pregavam, também, a igualdade social como condição necessária para a máxima liberdade individual a todos.

Vejam, por exemplo, as idéias mutualistas de Proudhon (1998) - foi ele que disse: "a propriedade é um roubo" - e de outros, como Robert Owen, Bakunin, o príncipe russo Alekeievitch Piotr Kropotkin (1842-1921), que, já naquele tempo, ressaltavam a importância da ajuda mútua como fator de evolução social e foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento da teoria do comunismo anarquista, de acordo com o qual "tudo pertence a todos" e a distribuição baseia-se exclusivamente nas necessidades.

Vejam bem que esse saber sobre a sociedade era elaborado para transformar a realidade, impulsionado pela indignação ética, pela paixão, desprendimento e a radicalidade do pensamento crítico.

Essa era a marca do discurso sobre a sociedade antes mesmo de August Comte (1798-1857) e Émile Durkheim (1850-1917) chamarem esse corpo de saber *Sociologia* (aliás, a primeira vez que se usou o nome sociologia foi em 1835, numa aula de Durkheim na Escola Normal Superior em Paris).

É importante resgatar esse "*outro lado*", muitas vezes esquecido das ciências sociais, que nos mostra claramente que não foi só da perspectiva da ordem que se pensou primeiramente o social.

Daí, na sua vertente mais crítica e revolucionária tinha como traços marcantes: 1) Um pensamento que tinha como eixo a **negatividade**,¹ o que significa afirmar que não aceitavam a ordem capitalista; 2) O **Desejo de ir à raiz dos fenômenos sociais**, o que significa dizer que eram radicais. Não radicais no sentido como foi vulgarizado, onde se confunde o radical com o *sectário*. Eram radicais, porque iam à raiz dos problemas sociais, procurando compreender e denunciar as razões mais profundas dos males sociais. Em consequência, eram não adaptados e, por isso, "*feroz e nocivo ao bem estar comum*", como dizia Chico Buarque². 3) **A indignidade ética**, ou seja, eram homens e mulheres sensíveis aos problemas humanitários, dedicados a uma causa e não ao seu bem estar individual, somente. Eram pessoas de uma dedicação imensa, capazes de

¹ O caráter de radicalidade do pensamento sociológico, não só da sociologia, como também das humanidades, pode ser sintetizada nesta frase de Goethe, quando diz que "*o mundo só pode ir em frente por meio daqueles que se opõe a ele*". A dimensão destruturadora e desestabilizadora desse conhecimento é sua marca fundante.

² Vejam, por exemplo, que não foi por menos que no tempo na ditadura militar muitas das perseguições visaram as pessoas que estudavam sociologia. Por ser um saber crítico, que aumenta a percepção dos problemas sociais, a sociologia foi expurgada dos currículos das escolas e universidades. No governo do Presidente Castelo Branco, uma das primeiras medidas foi retirá-la das escolas. É interessante investigar mais isso.

abdicar a família, as coisas pessoais, em benefício de uma causa coletiva. A solidariedade, o amor, o gesto gratuito não era considerado, como hoje, uma atitude *otária*, ingênua e sonhadora, mas uma virtude e, por isso, tinha-se como alta conta o heroísmo, o altruísmo, o desejo de ver um mundo melhor e mais justo. Fosse cristão ou protestante, ateus ou professassem qualquer credo, muitos imaginaram uma sociedade melhor e criaram, de uma forma ou de outra, um discurso ético conclamando a justiça social.

A teoria marxista, por exemplo, não teria surgido sem essa **paixão** – e aí temos a quarta característica do sociólogo nos seus primórdios.

Se lermos a biografia de Karl Marx (1818-1883) verão que sem a sua *loucura genial*, sem a sua paixão e determinação não seria capaz de fazer tudo o que fez. Os seus anos de vida nômade, os exílios, prisões e fugas da polícia, a militância, os incansáveis estudos, mesmo com o sacrifício de sua própria vida, nos mostra que foi um homem movido pela sua brilhante inteligência, mas também por sua paixão e irreverência.

Quando ele era jovem revelou essa paixão em um dos seus escritos. Dizia ele:

A história chama estes de grandes homens que se enobrecem trabalhando pelo universal. A experiência louva como mais feliz aquele que tornou mais pessoas felizes. A própria religião ensina que o ideal pelo qual lutamos se sacrificou pela humanidade, e quem ousaria negar tal afirmação? Quando escolhemos uma vocação na qual podemos contribuir para a humanidade, os fardos não podem dobrar porque eles são apenas sacrifícios para todos. Então, não experimentamos nenhuma alegria pequena, limitada, egoísta, mas a nossa felicidade pertence a milhões, nossos feitos serão silenciosos, mas eternamente eficazes, e lágrimas ardentes de homens cairão sobre nossas cinzas.³

Quão distante dessas palavras estamos. Hoje a disciplina Sociologia faz parte do programa de muitos cursos, tornando-se obrigatória, porque a sociedade se tornou mais complexa e, para entendê-la precisamos dos conhecimentos sociológicos. Mas esquecemos, muitas vezes, a sua origem, as resistências que teve que enfrentar para ser reconhecida, justamente pelo seu caráter crítico e questionador da realidade social. É por isso que o sociólogo – e todas as profissões, de uma maneira geral – precisam resgatar as suas origens, olhando, muitas vezes, para seus pais fundadores.

³ Vocês podem acompanhar a biografia de Marx em um dos melhores trabalhos já publicados sobre ele, denominado, *Karl Marx, Vida e Pensamento*, de David McLellan, Editora Vozes, Rio de Janeiro, Petrópolis). Esse trecho pertence a esse livro.

Não há ciência sem homens que se coloquem a serviço da humanidade. O pensamento sociológico abre possibilidade, pela sua radicalidade, para que a humanidade encontre alternativas mais justas e humanas no mundo contemporâneo, hoje marcado pela violência, o desemprego, o terrorismo, a globalização, a fome, a crise juvenil, a intolerância racial e outros problemas com os quais nos deparamos diariamente na televisão e ao ler os jornais e revistas.

Nesse sentido, poderia dizer, o sociólogo, o pensador social, é, antes de tudo, um indignado eticamente que não está acomodado com o mundo que está vendo diante de seus olhos. Não é um simples técnico desvinculado da sociedade, mas uma pessoa testemunha da história do país e do mundo em que esta inserido e não um cientista neutro e desconectado do mundo. Quem opta pela vocação de sociólogo e qualquer outra vocação deve ser capaz de seguir o exemplo dos grandes mestres, que empenharam a própria vida no trabalho de pensar e transformar a sociedade. Antes de ser uma mera opção profissional, estudar sociologia é uma opção existencial e política, no sentido mais amplo da palavra. Daí porque o sociólogo caminha sempre na corda bamba, na contradição social, ora questionando a ordem existente, ora afirmando o poder.

O sociólogo deve ser, também, um indivíduo atento ao mundo plural que o circunda. Daí a imensa conexão da sociologia com a história e um contato permanente com as manifestações culturais e espirituais de uma época. A sociologia sem a história é impossível; sem o contato com a literatura e as artes é um pensamento insosso e sem vida.

Um estudante seja de Sociologia, de Direito, de Psicologia e, principalmente, da área de ciências humanas que nunca leu Machado de Assis, um Guimarães Rosa, um José Lins do Rego, um Graciliano Ramos – só para ficar nos autores nacionais -, desconhece não só o fabuloso mundo da literatura, mas as manifestações espirituais e culturais de uma época. Em qualquer campo do saber é preciso ter a curiosidade da criança, a sensibilidade de poeta e a indignação de um profeta e deixar-se “banhar-se pela sua época”, como dizia o nosso saudoso Paulo Freire.

Com justa razão, certamente perguntarão: “Ainda podemos ser sonhadores como esses antigos pensadores sociais? Não estarão ultrapassados esses sentimentos nesse mundo cada vez mais pragmático e consumista, onde a maioria das pessoas não tem sonhos e utopias? Quem se interessa hoje, nessa cultura individualista em que estamos mergulhado?”

De fato, o *vasto mundo* – como dizia Drummond – vem mudando muito e o mal estar é muito grande. Estamos mergulhados numa sociedade com valores radicalmente diferentes do início do século passado. O mundo hoje parece que *encolheu* com a globalização. *Encolheu* tanto que cabe na telinha da televisão e do computador interligado à Internet. Sentados, comendo

pipoca, assistimos a Guerra do Golfo, como se estivéssemos assistindo uma partida de vídeo-game. Vimos cenas da queda do Muro de Berlim, o esfacelamento da antiga União Soviética, o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 e, depois, a guerra no Oriente Médio, a invasão dos Estados Unidos no Iraque e muitos outros acontecimentos importantes. Não há um mês que não surja um acontecimento importante, seja negativo ou positivo, seja uma guerra ou uma descoberta nova no campo da medicina, ou viagens espaciais à Marte.

E quantas coisas não veremos mudar ainda. O que diria os velhos Marx, Durkheim e Weber se assistissem tudo isso? O que diriam sobre o desenvolvimento da informática, a introdução dos conhecimentos dessa área na produção industrial? O que nos diriam sobre o desemprego nessa era de incertezas globalizadas? O que diriam das cenas recentes de Marte?

Vivemos num turbilhão bem mais violento do que eles que viveram no início do capitalismo industrial e tudo isso muda a concepção que a humanidade tem de si mesma. Mudam os paradigmas, os modelos pelos quais norteamos a nossas vidas, a concepção de sociedade, as formas de sociabilidade, os problemas que temos que enfrentar.

Cada época coloca problemas que temos que resolver e exige respostas do homem que está nela inserido. Esse é o desafio da sociologia e de todos os campos de conhecimento: buscar respostas criativas para os desafios presentes, criar um mundo mais justo e humano para as gerações que virão depois de nós, os nossos filhos, netos e bisnetos, pois a realidade vem se transformando numa velocidade impressionante e a nossa capacidade de pensá-la é muito lenta, pois quando começamos a compreendê-la ela já é outra. Daí porque os velhos modelos de explicação do mundo social também estão em crise.

Antigamente, por exemplo, quando se pensava na sociedade o centro da reflexão eram os estados nacionais, a sua constituição, os conflitos que ocorriam em seu interior. Hoje, as sociedades estão cada vez mais interativas, o que acontece em outros continentes no afeta diretamente, seja um vírus que afeta os frangos asiáticos, seja o movimento da bolsa de valores, ou um acontecimento cultural qualquer. Os estados nacionais não desapareceram, mas não são os determinantes para regular a sociedade, como foi na época de Durkheim e até poucos anos atrás. Isso afetou não só o corpo de conhecimentos sociológicos, mas todas as áreas, como a medicina, o direito e todos os campos de conhecimento. Hoje, pensa-se no direito internacional, na necessidade de criar legislações para o controle de problemas antes inimagináveis, como a criminalidade, que, hoje, internacionalizam-se, as migrações e emigrações, problemas ecológicos, comerciais e muitas outras questões que surgem com a globalização.

Assustados e perplexos, os sociólogos e os cidadãos em geral, assistem impotentes o mundo desmanchar diante de seus olhos. Muitos, temerosos, desejamos voltar para o passado.

É cada vez mais evidente, por outro lado, que as ciências sociais têm que dialogar entre si. Os desafios colocados à condição humana supõem a invenção de respostas aos paradoxais sofrimentos e angustias do tecido social que nos perpassa, e, ao mesmo tempo, nos convida a reconhecer as nossas limitações. Assim como a medicina, a fisioterapia, administração, a contabilidade, o direito, a arquitetura etc., a sociologia não pretende ser a ser portadora da única verdade, mas contribuir para as transformações sociais e tornar esse mundo melhor do que é.

É por essa razão que hoje se discute cada vez com maior intensidade a interdisciplinaridade, o diálogo entre os vários campos de saber, não por uma questão formal, mas pela necessidade colocada pelo próprio mundo em que vivemos. Hoje, por exemplo, de nada vale ser um especialista somente em uma área. O futuro do advogado, do arquiteto, do médico, do jornalista, do físico, do químico e muitas outras pessoas nos mais diversos campos do conhecimento têm que estreitar os laços e dialogar sempre para adquirir uma visão mais plural e holística do mundo. Tudo afeta tudo. Uma borboleta que bate as asas no lago suíço produz efeitos em todo o mundo.⁴

O que estuda a sociologia?

A sociologia estuda os processos sociais, as transformações da sociedade ao longo do tempo. Para isso realiza pesquisas, explica os fatos sociais, os seus nexos e significados, abrindo pistas para a busca de soluções de seus problemas.

O sociólogo vai à raiz dos problemas e, por isso, não pode deixar de ser radical. Radicalidade não significa sectarismo, pensamento crítico e indignação ética não significa nos fecharmos em nossas certezas, confiantes que temos as respostas definitivas para os problemas do mundo. Aliás, todas as vezes que transformaram as obras dos grandes pensadores sociais em doutrinas, elas se tornaram religião, fé, ou coisa semelhante, quando não produtoras de pessoas fanáticas e doutrinárias inflexíveis. E o mundo cada vez menos precisa de pessoas fanáticas, pois isso se transformou numa das principais pragas do mundo contemporâneo que é a intolerância, a incapacidade de conviver com a diferença, seja de raça, seja de formas de pensar e conceber o

⁴ Veja o filme *O Ponto de Mutação*, baseado no livro de Franz Capra.

mundo. Norberto Bobbio, o grande filósofo político italiano falecido no começo do ano (2004) quando dizia com toda razão em sua última entrevista que o que mais abominava era o fanatismo, seja ele religioso, político ideológico ou qualquer outro tipo.

A Sociologia é um conhecimento que busca realizar uma reflexão aprofundada, sistemática, sobre a sociedade e não um dogma, uma certeza absoluta.

A sociologia não pode viver da nostalgia, como se fossemos órfãos das sociedades tradicionais, onde o nascimento já implicava um lugar, uma função e um sentido para a vida. Assim como não pode ter a arrogância de ser possuidora de uma verdade absoluta e imutável. Mas ela pode contribuir muito para o aperfeiçoamento profissional, o desenvolvimento do pensamento crítico das várias áreas de saber.

Se observamos os diversos campo de estudo, vemos que a sociologia está presente permanente, quando lidam com grupos, com as leis, com a saúde de uma pessoa, que não é uma pessoa abstrata, mas faz parte de um grupo, tem seus valores, vive as suas dificuldade e conflitos de formas diferentes.

Os alunos do curso de Arquitetura possuem vínculos muito íntimos com a sociologia. A Arquitetura (do latim *architectura*) é a arte de criar espaços organizados e animados, por meio do agenciamento urbano e da edificação, para abrir diferentes tipos de atividades humanas, já dizia Aurélio Buarque de Holanda em seu dicionário. É um saber que surge se desenvolve na modernidade, apesar de seu longo passado, como pode ver ao estudarmos como foram feitas as cidades desde a época romana. Esse saber trabalha com o espaço urbano das sociedades, e tem relação muito próximo com a Sociologia Urbana, pois, como vimos anteriormente, a organização do espaço requer um conhecimento da sociedade onde o arquiteto vai planejar sua atividade e não deixa de ser, como a sociologia, uma reflexão critica sobre a criação desse espaço, que é a cidade, com seus multifacetados problemas e conflitos, pois o espaço urbano não é neutro, mas um campo de disputas, de lutas, como nos mostram os estudos de urbanistas, sociólogos, antropólogos, historiadores, etc.

O arquiteto lida com o urbanismo. E isso significa conceber o urbanismo como modo e vida dos habitantes das cidades. Também o urbanismo pode compreender, fora do âmbito da sociologia, a criação planejada de determinados ambientes, com o objetivo de produzir estilos particulares, como na expressão “o novo urbanismo”.

Como conceber o trabalho do arquiteto, quando se sabe hoje que quase a metade da população mundial vive agora em áreas urbanas? Como organizar o espaço urbano em cidades

que se tornaram os lugares do capital? Como entender a *desurbanização* nas grandes cidades do capitalismo avançado? Como entender a urbanização, ou, como se diz, a *suburbanização*, nos países do Terceiro Mundo? O que um arquiteto nos diz sobre isso?

O arquiteto mantém vínculos profundos com a ciência, porque ela possibilita a criação de novos materiais. Niemayer, como vimos, afirmou que sem os novos materiais jamais conseguiria proporcionar as formas que ele introduziu nos prédios que construiu com suas ondulações que tanto apreciava. Isso se deveu ao avanço da pesquisa que criou materiais mais sofisticados que servem não só para as construções de prédios onde vão morar e trabalhar as pessoas mais ricas da sociedade, mas para as classes populares à medida que o desenvolvimento tecnológico pode criar também materiais mais baratos e simplificados para as classes populares. Portanto, os projetos arquitetônicos mantêm vínculos com a Engenharia, com a indústria química e outros saberes utilizados para criar o espaço urbano.⁵

Mas não é só o campo de conhecimento da Arquitetura que tem íntimas relações com a Sociologia.

Antigamente o sociólogo era formado nas Faculdades de Direito. As pessoas que se dedicavam ao estudo das chamadas ciências sociais faziam a sua formação em Ciências Jurídicas e Sociais e estudavam profundamente as línguas, teoria do Estado e os clássicos da sociologia. Não era por uma mera erudição, mas uma necessidade. O advogado, que lida com os costumes sociais, com os desvios sociais, como a anomia social, as leis e códigos e tudo que diga respeito o controle social, que nada mais são senão o reflexo da dinâmica da sociedade em uma etapa de seu desenvolvimento, tem por obrigação conhecer as teorias sociais de uma forma crítica e abrangente, sob à pena de se transformar num mero decorador de leis que ele, por ignorância, pode não saber de onde vem.

Um advogado sem formação sociológica, sem embasamento teórico sobre a formação do estado, os fatos sociais e as mudanças sociais é um mero técnico, sem conteúdo suficiente para elaborar pareceres, ou julgar com a devida competência e justiça.

Ou como dizia Rosa (2001):

"...O estudo doutrinário da lei jamais pode ser separado da Sociologia do Direito. Embora o estudo doutrinário esteja interessado na ideologia, está é sempre uma abstração da realidade social."⁶

⁵ Ver, BRUNA, J.V. Paulo. *Arquitetura, industrialização e desenvolvimento*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1983. Ver os capítulos: *1. A Arquitetura e a primeira revolução industrial*; *2. Arquitetura na 2ª revolução industrial*; *3. Exame da situação brasileira*.

⁶ Felipe Augusto de Miranda Rosa, *Sociologia do Direito: O fenômeno Jurídico como Fato Social*. Jorge Zahar Editor, p. 39-46.

O mesmo se aplica ao administrador. Como pode compreender os problemas de sua área se não conhecer um pouco as idéias de Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920)?

Weber foi um dos fundadores da administração científica. Conceitos como burocracia, poder, autoridade, grupos, Estado, liderança, legitimidade, carisma, etc. foram criados por ele. Como um administrador pode compreender o mundo do trabalho em uma sociedade complexa como a nossa se não conhece Weber? Como um advogado pode ter sua formação minimamente adquirida se não leu os trabalhos desse autor no campo jurídico?

A administração e o direito, na maioria dos casos, lidam com os conflitos organizacionais, com pessoas e grupos em constantes mudanças. O conhecimento desses processos, os controles sociais são os campos de atuação dessas duas áreas e jamais vão ter uma visão mais profunda sem o auxílio da sociologia.⁷

Vocês estão vendo que a sociologia, além de nos instrumentalizar melhor para perceber as micro e macro relações, nos torna mais críticos do meio social.

Os *imaginários sociais*, *no entanto*, nem sempre foram iguais. Os *olhares* foram diversos, como diversas foram as formulações teóricas sobre o mundo social. Assim Marx olhou o mundo de uma perspectiva, Durkheim e Weber de outra, mesmo vivendo quase os mesmos acontecimentos.

Isso é que torna a sociologia interessante, pois a história dos homens, diferentemente do determinismo da natureza, que faz com que os outros animais e a natureza, de uma maneira em geral, ajam segundo as leis intrínsecas a ela, tem seus imprevistos, pois é a história da própria liberdade. E a liberdade é o campo da opção, do desejo, da reinvenção. É por isso que nas ciências humanas nem sempre dois e dois são quatro.

O positivismo, com sua pretensão de tornar a sociologia um conhecimento científico semelhante às ciências ditas exatas, desejava isso logo no início do desenvolvimento desse saber, questão até hoje discutida na sociologia do conhecimento e na filosofia. Alguns preferem dizer que as ciências humanas são ciências da interpretação, ou ciências hermenêuticas.

O que é a sociologia?

É um saber que se construiu na modernidade, no processo de transição da sociedade feudal para a sociedade capitalista. A sociologia é uma reflexão crítica, ou, como diz Carlos

⁷ Ver CASTRO, Celso Antônio Pinheiro de. **Sociologia Aplicada à Administração**. Editora Atlas, São Paulo, 2002,

Benedito Matins (1994), no seu pequeno livro *O que é sociologia*", uma resposta de alguns intelectuais que, vendo as transformações sociais diante de seus olhos, começaram a refletir sobre o que esta ocorrendo e elaboraram suas teorias.

A sociologia busca compreender os fenômenos sociais e explicá-los de forma sistemática. Estuda os processos que geram a mudança social, a estratificação das sociedades, os conflitos e possui métodos próprios de investigação social, e, também, desenvolve técnicas, ou seja, formas peculiares para aplicar os métodos gerais a seu campo específico.

É um saber relativamente novo. Não que os pensadores do passado não tenham refletido sobre a vida social. Já em Aristóteles temos uma definição de Filosofia Social. A sociedade, segundo ele, é uma organização natural e moralmente necessária para o homem atingir a felicidade. Os atos humanos têm uma causa e um final supremo. A causa final é a "forma (atualização da potência). O fim supremo é a felicidade perfeita constituída pela posse do verdadeiro bem, a contemplação da Causa Primeira. O Estado é produto das formas de sociabilidade e tem por finalidade atingir a ordem perfeita.

No século XVIII, Giambatista Vico lançou as bases da Filosofia da História, que prosseguiu seu desenvolvimento com Montesquieu, Voltaire, Herder, Condorcet e outros. A preocupação comum era explicar a evolução da humanidade e tem por preocupação atingir a ordem perfeita.

Esse saber, no entanto, só foi possível surgir e se desenvolver independentemente da moral e das visões teleológicas (mesmo não desprendido totalmente dela) com a modernidade.

Vários acontecimentos foram fundamentais para o seu desenvolvimento. Destaco alguns :

1) **O surgimento da sociedade urbana:** a aglomeração de um grande contingente de pessoas em um espaço (o espaço urbano), voltado para as atividades industriais, vivendo num estilo de vida radicalmente diferente do que viveu no passado, onde predominava a vida rural.

2) **O surgimento do proletariado.** Um contingente expressivos de trabalhadores expulsos de seu lugar de origem que passam a viver, para sobreviver, dos trabalhos industriais na cidade.

3) **As idéias iluministas e a revolução francesa,** quando se passou a analisar a vida social através de meios científicos e não mais baseados na fé religiosa, como foi no período que antecedeu o capitalismo. Os iluministas reclamavam que os homens, além de oprimidos pelos monarcas absolutistas, eram tratados desigualmente. Esses filósofos admitiam que os homens nasciam livres e iguais. Acreditam que os seres humanos podiam se tornar cada vez melhores, bastando para tanto que as instituições sociais fossem reconstruídas de modo a garantir a

igualdade e a liberdade. Para os iluministas, portanto, a transformação radical da sociedade era necessidade imperiosa. A idéia da igualdade, liberdade e fraternidade é um dos legados da Revolução Francesa e para a formação da modernidade.

4) **Desenvolvimento industrial.** Além da revolução das idéias, com seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, no período em que surge a sociologia estava ocorrendo na Europa uma transformação econômica que colocava a necessidade de transformações sociais na ordem do dia. Surge a Revolução Industrial, provocando profundas mudanças nas formas das pessoas perceberem e sentirem o mundo, como todas as suas ambigüidades, esperanças e tragédias. Em termos econômicos, técnicos e científicos foi um sucesso. As forças de produção desenvolvidas por elas foram de uma potencialidade inimaginável. Marx, no *Manifesto do Partido Comunista*, percebeu (e elogiou) o significado desse desenvolvimento para o surgimento do capitalismo. Mas não deixou de mostrar, também, o seu lado cruel. A primeira fase da Revolução Industrial foi um tempo da miséria e degradação para os trabalhadores fabris. A classe operária estava submetida às piores condições de salário, trabalho e moradia. Engels, companheiro de Marx, relatou a situação dos trabalhadores, no seu clássico livro *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, o primeiro trabalho de sociologia urbana publicado no mundo. Nele está retratado, com todas as tintas, a situação da classe operária, submetida às piores condições de salário, trabalho e moradia. Os operários estavam se tornando a maioria da população das cidades e, portanto, era necessário empreender transformações sociais que lhe dessem uma vida mais humana. Esse era o projeto inicial a sociologia.

Como podemos ver, a sociologia é um saber que se elabora como o desenvolvimento da sociedade capitalista, na luta de classes. A compreensão das mudanças e dos conflitos daí decorrentes é seu campo específico de estudo.

Mas é preciso ver que o olhar de seus fundadores sobre o mundo social não foi o mesmo. A sociologia, quando se debruça sobre os fatos sociais, não é um conhecimento neutro, por mais que busque desesperadamente essa neutralidade. É por isso que, frente aos movimentos sociais da época em que surgiu, os seus intérpretes possuíam visões radicalmente opostas, como vamos ver ao longo do curso.

Muita gente pensa, por exemplo, que a Sociologia e o sociólogo, porque pesquisa e reflete sobre o mundo social, deveria ter todos os meios de resolução dos conflitos. Muita gente diz: "Tivemos um presidente sociólogo e pouco ele fez para resolver as desigualdades do país!"

Podemos ter um presidente advogado, economista, torneiro mecânico e outras coisas mais. Não é por possuir tal formação que vão resolver todos os problemas do país.

Como diz, Tom Bottomore (1973):

O sociólogo, raramente pode resolver um problema diretamente ou propor uma política exatamente adequada, mesmo quando tem certeza sobre os erros existentes, pois toda solução de um problema e todo ato relacionado com o curso de ação é uma decisão política. Expressa a decisão de um grupo social de manter ou modificar um determinado modo de vida e de agir de acordo com certas idéias sociais. O sociólogo pode proporcionar informações, elucidar o contexto dos problemas, apontar as causas ou condições, indicar as vantagens e os cursos de ações alternativas. Mas, em última análise, as decisões políticas dependem de julgamentos, ou da sabedoria política, ou de interesses. Pensar de outra forma, atribuir aos sociólogos o papel de reis, filósofos em roupagem moderna, é voltar às ilusões da política positiva de Comte.

Quando o sociólogo ocupa uma posição de poder deixa de ser sociólogo para se tornar um político. Como político vai defender os interesses conflitantes de grupos e movimentos que acredita. A visão crítica e abrangente vai estar limitada e não vai fazer parte de seus interesses mais imediatos como pesquisador. Ele é um político profissional preocupado em tornar real seu projeto político. Predominam as suas opções partidárias, os interesses, pode ele ser profissionalmente formado em sociologia, direito, medicina e mesmo torneiro mecânico.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- BOTTOMORE, T. **Introdução à Sociologia**, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1973
- BRUNA, J.V. Paulo. **Arquitetura, industrialização e desenvolvimento**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1983.
- CASTRO, Celso Antônio Pinheiro de. **Sociologia Aplicada à Administração**. Editora Atlas, São Paulo, 2002
- MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. Editora Brasiliense, 38 ed. São Paulo, 1994.
- MCLELLAN, David. **Karl Marx, Vida e Pensamento**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, Petrópolis, 1990.
- PROUDHON, P.-J. **O que é a Propriedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Benedito José de Carvalho Filho

ROSA, F. A. M.. **Sociologia do Direito**: o fenômeno jurídico como fato social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.